

Noções de cultura, informação e rede:

Museus e algumas reflexões sobre globalização

Nívia Raquel Jarjour
José Augusto de Paula Pinto

Cultura Em Movimento

*“... alimentar a memória dos homens requer tanto gostos,
tanto estilos, tanta paixão, como rigor e método.”*
(Jacques Le Goff, 2003)

Segundo a Doutora Janine Rossato (2010), neurocientista do Laboratório e Centro da Memória da PUC-RS, cultura é o que diferencia o homem do primata, é a capacidade humana da memória, da aquisição, armazenamento, evocação e transmissão de ideias. Prossegue a cientista dizendo não existir uma memória única e sim um “conjunto de memórias”, assim como a cultura, que nunca é uma, mas sempre multifacetada e plural, apesar de seu caráter eminentemente semelhante enquanto célula isolada.

A noção de cultura não deve passar pelo indivíduo, ser único e irreproduzível, mas sim pelo grupo ao qual ele participa socialmente, já que surge a partir da necessidade humana da não-unicidade, do compartilhamento, do distribuir e “contar” conhecimento entre seus pares. Aí nos debruçamos sobre uma montanha e vemos a cultura seguir em frente sempre, nunca desaparecendo, mas dinâmica, em movimento, renovando e renovada, retratando e sendo retratada. Cultura é conhecimento sempre. Cultura são valores agregados e distribuídos em novos formatos. Cultura é junção de experiências com o intuito empírico do conhecer, evoluir, politizar, compartilhar, agregando e distribuindo saber, no mesmo formato ou em formatação revitalizada, mas mantendo o cerne que a conduziu até aquele patamar.

Renato Ortiz (1989), em seu texto “A Moderna Tradição Brasileira”, já no título define cultura: a união do tradicional com o moderno, devido a esse caráter mutante do vetor cultural. Essa mesma capacidade evolucionista insere a cultura no âmbito de

muitas discussões, já que vivemos em uma era onde o tempo perde seus parâmetros e o conhecimento espalha-se com a velocidade dos *tera-bytes*. Faz-se necessário ter tradição em ser moderno, como nós, os brasileiros. Surge neste ponto, de forma insistente, a tensão sempre inerente à cultura: aderir ao novo ou manter-se unido à poeira do passado, tal qual nos antigos museus históricos e arquivos nacionais? No mundo da diversidade (e velocidade) do século XXI a cultura é o elo unificador da identidade, como o foi sempre, apesar de suas sempre renovadas embalagens.

Ao nomear essa parte da reflexão como **cultura em movimento**, a intenção era justamente mostrar a capacidade da cultura em transfigurar-se continuamente, tornando sempre complexa a sua conceituação. Alguns autores nos ajudam nessa tentativa reducionista. Leslie A. White, em “O Conceito de Sistemas Culturais”, contribuiu de diversas formas e vamos dele usufruir:

O homem é um animal singular. Só tem a capacidade de gerar, determinar e dar sentido às coisas e acontecimentos do mundo exterior. Consegue-o em virtude de um talento a que dei o nome de capacidade para simbolizar. (WHITE, 1978, p.11-22)

Inferimos que esta capacidade para simbolizar é o fator decisivo para a existência do que se convencionou nomear como cultura. Ao unir e relacionar diversos objetos “simbolizados” e muitas vezes “sacralizados” vê-se o surgimento de um fato cultural.

Reduzindo a caracterização de cultura a um nível simples e menos sofisticado, dizemos que a cultura consiste em linguagem, costumes, crenças, etc., a definição clássica de E. B. Tylor (Tylor,1871-p.01)... Se o conceito de cultura fosse tão bem aceito quanto o conceito do cobre, do carbono ou do ferro, então seria possível dizer que isto é cultura e não comportamento. Mas os cientistas sociais estão longe de um consenso quanto a isso... Não se justifica, portanto, dizer que isto ou aquilo “é” cultura, podemos dizer apenas: “Esta é a maneira como emprego essa palavra”. Em meus arquivos, porém, encontro apenas um exemplo dessa prática - HUXLEY (1955, p.10) diz; “Cultura é a denominação que os antropólogos dão à matéria central da sua ciência” ... o sempre incrível Durkheim observava que “as maneiras coletivas de agir ou pensar (ou seja, a cultura) possuem uma realidade independente... dos indivíduos... existem por si mesma” (Durkheim, 1938, p.LVI). Mais adiante ele fala de “todo um mundo de sentimentos, ideias e imagens que, uma vez nascidos, obedecem a leis próprias. Atraem-se, repelem-se, unem-se, dividem-se e se multiplicam... A vida assim criada goza de

uma independência, tão ampla, que às vezes se entrega a manifestações sem propósito ou utilidade de qualquer espécie, pelo simples prazer de se afirmar” (Durkheim, 1947 p.424).” (WHITE, 1978, p.11-22)

Assim, podemos chegar à conclusão óbvia de que a cultura surge sempre, e somente, através do homem e, que este perde o controle sobre ela, que caminha de forma independente ao interagir com outras culturas ou fatos culturais, transformando-se sempre, unindo novas informações e conhecimentos. E, é com grande responsabilidade, na qualidade intrínseca de pesquisadores em memória e patrimônio museológico, que vemos as semelhanças e complementaridades, intensas e grandiloquentes, entre cultura, museu, informação e conhecimento. Podemos de forma clara, embriagados pelos ensinamentos de Renato Ortiz, relacionar tudo que dissemos à sua dita “mundialização”, que muitos definem como “globalização”: filologia na mais simples das suas mensurações.

Necessário se faz transitar pela influência do material na cultura assim como pela cultura material, no mínimo em dois de seus desdobramentos possíveis: primeiro o objeto material como fonte de conhecimento (documento histórico não escrito) e que vem possibilitar o estudo mais detalhado das sociedades ágrafas; vindo também corroborar estudos, pesquisas e conceituações sobre o que existe apenas através de relatos orais. Em segundo lugar, o objeto reveste-se de uma roupagem de cultura industrial. E a *massa* avança incólume na nossa moderna sociedade consumista, digital e virtual, sendo levada ou, caminhando seus próprios destinos no caminho comum do “*todo mundo globalizado e conectado*”. Pode ser mais um dos passos do dinamismo típico da cultura, incessantemente em movimentos não uniformes, mas sempre reenergizada pelo passado, pelo presente e por um delírio inebriante existente nas luzes multicoloridas e indefinidas do futuro.

Os sistemas de globalização iniciados lá atrás com as grandes navegações (Séculos XV e XVI), acelerados pelo telégrafo e telefone (Séculos XIX e XX), transformados pelo rádio e televisão (Século XX), estão hoje na velocidade incrível do instante com o advento da internet-web (Séculos XX e XXI - dias atuais). O conhecimento é irradiado a todos os lugares no momento mesmo em que é formatado. É o tempo transmutando a cultura, antes milenar, em cultura do imediato, com a facilidade da cópia, numa época em que os tradicionais copistas medievais já são parte de um passado remoto na história. O conhecimento só existe a partir do momento em

que um ser vivo adquire uma informação e passa a dela fazer usos e interpretações (atribuições de um significado a um objeto ou fato – simbolização). Fundamental assim discutirmos um pouco sobre estas conceituações: informação-conhecimento e o viver em rede.

Informação, Conhecimento e Rede

*- Você me acha um homem lido, instruído?
- Com certeza, respondeu Zi- gong. - Não é?
- De jeito nenhum, replicou Confúcio. Simplesmente consegui achar o fio da meada!*
Sima Qian, Confúcio

Tornou-se comum em tempos atuais ouvir a expressão “vivemos na era da informação”. Através dos mais diversos meios de transmissão (jornais, rádio, televisão, telefone, internet, redes sociais, etc.) são milhares de novos dados invadindo nosso dia-a-dia de forma abrupta, por meio de câmeras, celulares, computadores e outros meios de comunicação. Mas, se somos bombardeados diuturnamente por ela, o que é mesmo a informação? Qual a sua natureza? A informação possui este lado enigmático, típico daquilo que se pode sentir, usufruir e alterar sem contudo conseguirmos identificá-la com precisão. A capacidade de processamento informacional é um dos principais elementos constitutivo do estudo da mente inteligente.

No caso dos ser humano, não resta dúvida de se vive ligado por uma rede (teia), nem sempre simbólica, de informações. A cultura caracteriza-se por um conjunto de regras, leis, fatos, costumes e hábitos, em ação compartilhada por um grupo de pessoas, é a exemplificação da capacidade humana de atribuir valor e significado a objetos e informações . Essa mesma era pós-moderna, onde o excesso de informação é o usual, leva o ser humano a deixar de valorizar o significado dessas mesmas informações, descolorindo e acinzentado o seu significado, não lhe atribuindo símbolos e valores; deixando de transformá-la em conhecimento e posteriormente em cultura sendo socializada. As pessoas deixam de reagir aos estímulos informacionais, pois tudo já chega aos receptores com explicações e conclusões prontas. O indivíduo torna-se “blasé”, indiferente aos fatos e aceitando de forma plácida as explicações que o permeiam. É o que alguns estudiosos chamam de “atomização” da sociedade, onde

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.4, n.1, mar.2014.

todos vivem em conjunto mas isolados entre si, bastando-se, e levando a um inevitável empobrecimento cultural.

Ao pensarmos no mundo globalizado voltamos a este excesso de informações que todos os indivíduos sofrem desde o final do século passado e que se intensifica nesta primeira década do novo milênio. O viver em rede leva a um excedente informacional e, no tempo atual, grandes mudanças vêm ocorrendo em todas as sociedades. Castells, em seu estudo sobre “A sociedade em Rede”, brinda este cenário com os seguintes dizeres:

No fim do segundo milênio da era cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começa a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentado uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. O colapso do estadismo soviético e o subsequente fim do movimento comunista internacional enfraqueceram, por enquanto, o desafio histórico do capitalismo... alteram a geopolítica global... além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais a língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando os gostos das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão cerceando exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela... Os movimentos sociais tendem ser locais fragmentados, com objetivo único e efêmero, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante, em um símbolo da mídia...nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser. (CASTELLS, 1999, p.39-43)

E esta *fartura informacional* leva a novas dimensões no âmbito da cultura. Existem maneiras diferentes de ver e pensar a(s) cultura(s), pela visão interna e/ou externa da mesma e, com a facilidade da disseminação dos menores fatos através do mundo digital, com o seu imediatismo, temos um cenário novo na área da Antropologia e da memória, cada vez mais associado à informação, conhecimento e redes. Devemos lembrar que rede vem do seu conceito mais banal e conhecido: das redes de água, esgoto e elétrica e, “a rede”, que assim dizemos ao aludir à internet (web). Surgida no contexto da Guerra Fria, década de 1960, a *net* nasce da paradoxal tentativa de controlar

a própria informação. Os Estados Unidos, temendo um ataque russo às suas bases militares e o apoderamento de suas informações, criou o sistema para que as mesmas não estivessem lá concentradas. Foi então criada a *Arpanet*, que funcionava através de um sistema de chaveamento de pacotes, no qual as informações eram divididas em pequenos pacotes, que por sua vez continham trechos dos dados, o endereço do destinatário e informações que permitiam a remontagem da mensagem original. Com o abrandamento da Guerra Fria, os EUA permitiram que as universidades desenvolvessem pesquisas sobre a rede, separando-a em duas: *Milnet* (militar) e a nova *Arpanet* (não militar), fator determinante para seu crescimento. A partir dos anos 1980, com a adoção de novos protocolos, o sistema permite o tráfego de informações entre uma rede e outra e surge a internet como nos moldes atuais. Foi apenas no ano de 1990 que a mesma começou a alcançar a população em geral, com o desenvolvimento de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e interessantes. A empresa norte-americana *Netscape* criou o protocolo HTTPS, possibilitando o envio de dados criptografados para transações comerciais, o que promoveu o desenvolvimento da internet nos patamares atuais.

A história da Internet no Brasil começou bem mais tarde, só em 1991 em uma operação acadêmica subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Nos dias de hoje, não é mais um luxo ou simples questão de opção uma pessoa utilizar e dominar o manuseio e serviços disponíveis na *net*, que é considerando o maior sistema de comunicação desenvolvido pelo homem. A nova sociedade está sendo construída debaixo da sombra de tecnologias cada vez mais dominadoras e fora de controle.

Coloca-se como fundamental a discussão social e cultural sobre a questão do isolamento das pessoas que vivem conectadas indo até a invasão de privacidade e a segurança de nossos sistemas. Tudo isto nos leva a uma reflexão sobre a privacidade que se perde com o advento da rede. Nessa linha evolutiva chegamos hoje às redes sociais, tais como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, dentre outras, locais onde o particular vai perdendo espaço para o público e a mídia. Outro exemplo é o *street view*. Numa tradução grotesca poderíamos dizer que temos hoje o “vendo a rua”, sistema que possibilita a visualização das ruas com suas construções, pessoas e objetos com uma visão de trezentos e sessenta graus variadas cidades brasileiras e em todo o mundo. Lançado há alguns anos na Europa, o sistema sofreu retaliações pela perda de privacidade das pessoas e atualmente não pode ser acessado a partir de provedores de

parte dos países da Comunidade Europeia. O Vaticano não autorizou que o sistema chegasse ao seu território, e ao se aproximar o zoom dos muros da sede da Igreja Católica em Roma volta-se à visão de satélite somente.

Até que ponto é necessário tanta interatividade e exposição? Tanta capacidade de ver aquilo que os outros vivem e fazem? E de serem vistos e reconhecidos? No presente temos uma noção do que é "viver em rede", perdendo aquilo que a sociedade pós-moderna e mundializada elegeu como seu suporte: a individualidade (mesmo que pública), a atomização, o viver sem saber quem mora no apartamento ao lado! Paradoxos que surgem. Estamos regredindo, por vias tortas, ao estilo de vida dos nossos antepassados nas pequenas cidades interioranas, onde todos se conhecem e sabem da vida de todos. A rede nos remete a esta outra dimensão, onde todos se conhecem e sabem da vida de todos, onde todos podem ver-se e se conhecer, com o diferencial de que o indivíduo perdeu a noção daquilo que os outros sabem a seu próprio respeito. Voltamos ao mesmo texto de Manuel Castells, citado acima, que muito auxilia na tentativa de compreensão do que está por vir:

Nessa condição de esquizofrenia estrutural entre a função e o significado...Nesse processo, a fragmentação social se propaga ,á medida que as identidades se tornam mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar... A teoria e a cultura pós-modernas celebram o fim da história e, de certa forma , o fim da razão, renunciando a nossa capacidade de entender e encontrar sentido até no que não tem sentido. A suposição implícita é a aceitação da total individualização do comportamento e da impotência da sociedade ante seu destino.(CASTELLS, 1999, p. 39-43)

Museus e Algumas Reflexões Sobre a Questão da “Globalização”

*Descobri que a minha arma é o que
a memória guarda.*
Milton Nascimento, “Conversando no bar”.

Em vários campos de estudo científico, a interligação entre informação, conhecimento, redes, museus e cultura leva à busca da afirmação das identidades, seja

de um grupo familiar isolado, de uma pequena sociedade ou uma nação. Segundo a Professora Cristina Bruno, apud Castells:

A particularidade faz parte do “ser brasileiro”. A brasilidade comunga o gaúcho, o mineiro, o carioca, o negro, o índio, o escravo, o europeu num mesmo contexto, Este aspecto multifacetado existe no movimento plural de hoje na identidade e, é esta pluralidade que capacita o Brasil para a mundialização, a globalização. A globalização pode não ser um fator de sufoco da cultura nacional, mas o plural pode ser o ATOR ativo dessa globalização. CASTELLS, 1999, p. 39-43)

O viver em rede e a informação na pós-modernidade, a nova busca pela identidade que nunca termina; tudo, enfim, nos remete ao mundo novo da mundialização e da preservação da memória. Nas últimas décadas, tem sido notável o interesse público pela “memória” ou pelas diversas modalidades de representação do “vivido”. Seja na forma de depoimentos testemunhais e autobiografias, sejam na forma de coleções, patrimônios culturais, museus e comemorações, seja na forma de documentários e filmes às vezes ficcionais, a memória tornou-se uma presença constante nos meios de comunicação e uma espécie de obsessão coletiva.

O objetivo deste texto foi discutir comparativamente algumas categorias relacionadas à memória e sua comunicação, focalizando os processos sociais e culturais do viver hoje, e sua relação com o item fundamental de nossa graduação: os museus. As formas específicas que a globalização pode assumir no contexto da atualidade são fundamentais para o grande incentivo da sociedade e do poder público aos museus, que continuam sendo os locais sacralizados como guardiões do passado e luz do porvir, com a compreensão do presente. A memória, e museus são lugares de memória, tende a ser apreendida com um dado psicológico ou neurológico, propriedade de um sujeito fixo e de um espírito humano permanente, alheio à história e transformações que nos mostra, ou ainda, como uma “invenção” coletiva arbitrária, produzida com o propósito de justificar as condições sociais e políticas presentes. Reconhecemos assim não apenas a dimensão social e culturalmente construída dos museus, mas também a natureza problemática, parcial e indeterminada das representações individuais e coletivas sobre o “passado”, fundadas na experiência do “presente” e projetadas no “futuro”, mas sempre devedoras da realidade inapelável do passado individual e coletivo.

A globalização é a pedra que faz surgir a avalanche da luta do individual contra ou a favor do coletivo. Os museus, enquanto repositórios da guarda da memória das

mais diversificadas culturas, devem ser modernizados e inseridos nos novos contextos da informação, da rede, da socialização do conhecimento e da mundialização da sociedade. O museu é arquivo da cultura e a partir desse acervo deve prestar serviço á sociedade na formação e propagação do conhecimento e da informação, aglutinando-se ao contexto acadêmico como coadjuvante da transmissão do conhecimento histórico das sociedades globalizadas.

E não podendo deixar de lembrar alguém que marcasse fortemente a nossa noção de identidade nacional, recorreremos a uma formula ilustre de encerrar as citações nesse texto. Rememorando D. PEDRO II, através das palavras da professora Lúcia Maria Paschoal Guimarães da UERJ:

“D. Pedro II dizia que o museu deveria engrandecer o passado sem esquecer-se de cuidar do presente e do seu acervo, para que no futuro se possa ter uma boa visão do presente.” (Mesa redonda, MHN,06/10/2010)

A busca por definições de cultura, informação, redes e globalização, seja como fatos isolados ou interligados, encaminhou-se para o fator interdisciplinaridade com uma constância exemplar. Os conceitos e características fundem-se, formam amalgamas indissociáveis, e que nos levam a concretizações efêmeras e talvez voláteis. Enquanto procuramos encerrar dignamente este estudo, chega-nos a notícia de que uma nova forma de vida desconhecida e geneticamente nova foi encontrada pela NASA, nos Estados Unidos. O estudo da cultura, disciplina já plenamente reconhecida, é como estas novas descobertas, sempre com novidades, nunca estática, sempre em movimento e alimentando-se constantemente da informação; transmitindo-se pelas redes, propagando seu conhecimento adquirido na velocidade estonteante dos *bits*, num mundo onde os micro-segundos representam muitas novidades no mundo da “Aldeia Global” idealizada por M.McLuhan ou da “Terceira Onda” de Alvin Toffer (termos cunhados no final do séc.XX).

Mais do que nunca, devemos lembrar de vários antigos mestres, que infandas vezes, nos disseram: “*É preciso correr para não perder o trem da História.*”

Referências

- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização, as consequências humanas**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v.1.
- CASTELLS, Manuel. **Fluxos, redes e identidades: uma teoria critica da sociedade informacional**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas:Unicamp, 2003.
- MATOS, Olgária.C.F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato. **O popular e o nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ROSSATO, Janine. **Museus Nacionais e os desafios do contemporâneo**. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. 04 a 06 de outubro de 2010.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único ao pensamento universal**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- WHITE, Leslie A. **O conceito de sistemas culturais: como compreender Tribos e Nações**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978[1975].